



GENÉTICA | BOVINOS DE CARNE

GENÉTICA COMO ESTRATÉGIA PRODUTIVA

No Monte do Zambujal, em Montemor-o-Novo, a atividade pecuária desenvolve-se num sistema de montado orientado para a produção de bovinos em linha pura. Nesta entrevista, António Alfacinha descreve a evolução da exploração, as opções técnicas ao nível da reprodução, seleção genética e manejo, bem como os critérios económicos e de mercado que sustentam o modelo produtivo adotado. **Por RUMINANTES | Fotos Nuno Marques**

No Monte do Zambujal, em Montemor-o-Novo, a produção de bovinos já atravessa quatro gerações. É neste cenário de montado, onde a atividade pecuária marca o ritmo da propriedade, que António Alfacinha desenvolve o projeto da Monte do Zambujal Agropecuária, Lda. — um trabalho que, como faz questão de sublinhar, ultrapassa a sua própria história pessoal.

A relação de António com os bovinos começou praticamente ao nascer: mudou-se para a exploração com apenas quinze dias de vida e, desde então, o gado fez sempre parte do seu quotidiano. A paixão pelo campo e pelos animais antecedeu,

aliás, o interesse pela genética, que surgiria apenas há cerca de quinze anos.

O produtor explica que o grande ponto de viragem ocorreu quando a exploração trabalhava sobretudo com cruzamento industrial e com vacas autóctones. A valorização crescente do vitelo cruzado levou à introdução das raças Charolesa e Limousine, numa estratégia que visava responder às exigências do mercado. A necessidade anual de touros depressa motivou a aquisição das primeiras novilhas Charolês, que permitiram iniciar a produção de reprodutores próprios — e foi assim que a genética se tornou uma aposta central no projeto. Pouco depois, juntou-se também um núcleo de vacas Aberdeen Angus.

A evolução do mercado ditaria, mais tarde, uma mudança importante: ao fim de uma década, todo o efetivo Angus preto foi reconvertido para vermelho, acompanhando a procura comercial. Esta transformação reforçou ainda mais o caminho da exploração na seleção genética e na produção de animais diferenciados. Paralelamente, a propriedade passou por uma reorganização estrutural: a área de regadio foi expandida e convertida em amendoal (numa vertente hoje fora desta empresa), mantendo-se no Monte do Zambujal a componente bovina tradicional, conduzida em regime de montado. É neste contexto — onde tradição e especialização genética convergem — que

a revista Ruminantes entrevista António Alfacinha, em outubro passado, para conhecer de perto o percurso, as opções e os desafios que moldam o trabalho desenvolvido no Monte do Zambujal.

A EXPLORAÇÃO

A área dedicada aos bovinos no núcleo do Zambujal abrange cerca de 280 hectares, inseridos num conjunto de duas unidades exploradas pela empresa. Toda a componente pecuária funciona em regime de pastoreio, complementada por um pequeno pivô de rega utilizado exclusivamente para a produção de forragens, nomeadamente fenos e silagens. O efetivo atual é composto por cerca de 40 vacas Charolês puras e 40 vacas Angus puras, às quais se juntam aproximadamente 30 machos no Monte do Zambujal e outros 40 noutra lote, perfazendo um total próximo de 200 animais. Para utilização interna, a exploração mantém quatro reprodutores Angus e três reprodutores Charolês, apoiando a gestão genética com um recurso intensivo à inseminação artificial.

Como funciona o vosso protocolo reprodutivo?

O protocolo reprodutivo da exploração inicia-se precisamente nesta altura do ano. Todas as vacas aptas são sincronizadas e

inseminadas no mesmo dia, habitualmente entre 20 e 22 de novembro. Cerca de 24 horas depois, introduzem-se os touros no lote, de modo a assegurar a cobertura de eventuaisaios tardios.

O primeiro diagnóstico de gestação é realizado 60 dias após a inseminação, seguindo-se um segundo e último controlo ao fim de mais 60 dias. O objetivo é atingir 100% de vacas gestantes; os animais que não ficam prenhes são excluídos do efetivo. Quanto à determinação da paternidade, são utilizados os testes obrigatórios, mas na prática a primeira triagem é feita logo durante as ecografias. Na semana anterior foram efetuadas as ecografias preparatórias para o arranque da época reprodutiva e, aos 60 dias, uma nova avaliação permite determinar, com cerca de 90% de certeza, se a gestação resultou da inseminação artificial ou da cobertura pelo touro. No que diz respeito aos partos, o efetivo é composto por 80 vacas adultas. Este ano, já pariram praticamente todas:

faltam apenas uma ou duas Angus e mais cinco ou seis Charolês. Esses animais estão já identificados e separados para acompanhamento.

E ao nível dos desmames? Existe mortalidade?

Quanto aos desmames, os vitelos desmamados do ano passado correspondem aos animais que atualmente se encontram no lote do leilão de 2026. Até ao desmame, existe sempre algum risco; este ano registou-se a morte de um vitelo por diarreia. Após o desmame, contudo, a mortalidade é praticamente inexistente.

PRODUÇÃO E SUSTENTABILIDADE Porque optou pelo sistema de produção biológico?

A opção pelo modo de produção biológico surgiu, em parte, porque o setor também acompanha certas tendências. Mas existe um motivo objetivo: as ajudas financeiras são superiores no biológico, e isso tem peso na decisão.

E isso acrescenta valor aos seus animais? São mais valorizados no mercado?

Quanto à valorização dos animais, ainda não existe prémio de mercado. No setor da carne, o biológico continua a ser um nicho. A situação é semelhante à valorização da





qualidade: apesar de serem feitas ecografias de avaliação de carcaça, analisando marmoreio, espessura e comprimento do lombo, apenas um número reduzido de clientes mostra interesse nesses dados — a maioria, cerca de 90%, não liga. O mercado português, de um modo geral, ainda não está preparado para pagar por mais qualidade.

Quem compra genética quer sobretudo preço?

De facto, o que o mercado procura sobretudo é preço. Mesmo quando um animal proveniente de transferência de embriões ou inseminação artificial tem um valor superior devido à genética, a grande maioria dos compradores escolhe o mais barato, exceto alguns criadores de linha pura.

Eu próprio compro genética em Portugal — tanto Charolesa como Angus — e recorro a colegas nacionais. No entanto, grande parte dos criadores continua a procurar Charolês em França e Angus na Irlanda — de onde, aliás, importei algumas fêmeas na semana passada.

Em termos de práticas de sustentabilidade, o que já implementou?

Algumas. Confesso que o tema já me cansa um pouco, não porque não faça sentido, mas porque às vezes se torna excessivo. Ainda assim, implementámos aquilo que realmente traz benefícios ambientais e económicos para a exploração, nomeadamente painéis solares, utilizados sobretudo para: sistemas de bombagem de água, abastecimento dos bebedouros, alimentação de portões e algumas necessidades elétricas.

Utiliza subprodutos da indústria?

Não, não é fácil. Em modo biológico, a oferta de subprodutos é muito limitada, porque a indústria ainda não está preparada para disponibilizá-los com certificação biológica.

GENÉTICA

Que critérios utiliza na escolha do sêmen?

Normalmente não uso sempre o mesmo touro, embora haja exceções. Este ano voltei a utilizar um touro que tinha dado resultados excelentes. No entanto, como já tenho filhas desse touro a entrar na reprodução, deixo de o usar nelas. Por isso trabalho sempre com três touros diferentes, evitando assim inseminar fêmeas com o mesmo pai.

Quais são as principais características que procura nesses touros?

No Charolês, para inseminar novilhas, a prioridade é a facilidade de parto — sempre acima dos 100.

No Angus, também valorizo muito o baixo peso ao nascimento, especialmente nas novilhas.

E no caso das vacas adultas?

A partir da segunda cria, além das características raciais, procuro animais bem conformados, bonitos, com bom peso e excelente aptidão para carne. O Angus, por exemplo, não tinha tradicionalmente boa traseira porque estava associado às vacas turinas, onde ninguém dava importância à conformação — o vitelo era vendido no dia em que nascia. Hoje, isso mudou: procuramos animais bem conformados e harmoniosos.

A renovação do efetivo funciona como no futebol, com entradas e saídas todos os anos?

Não. A taxa de refugo é bastante baixa. Nos animais puros, não se refuga apenas por idade. Só saem os animais que tiveram algum problema — uma mamite grave, ou outra ocorrência séria. Caso contrário, não sai nenhum... e quase não entra nenhum. Entram somente as novilhas que cumpram as características, para mim, essenciais. Há muita procura por fêmeas e as melhores ficam sempre na exploração. No total, entre entradas e saídas, dá uma média de 5 a 6 animais por ano. O efetivo ronda os 40 animais e vai crescendo devagar.

E quando os animais vão para carne?

São muito valorizados. Este ano, no leilão de Montemor das chamadas “vacas gordas”, batemos o recorde do leilão: vendemos uma vaca por 5,68 €/kg, quase 6.000 euros apenas para carne. Em março, quando fizer as ecografias, se houver vacas vazias, seleciono uma de cada raça para engordar.

A longevidade das vacas Charolesas e Angus é semelhante?

Sim. A vaca mais velha que tenho tem 11 ou 12 anos. A média do efetivo anda entre os 7 e os 8 anos — precisamente a fase em que as vacas estão no auge produtivo.

INOVAÇÃO E TECNOLOGIA

Em termos de tecnologia, o que está atualmente implementado na exploração? A exploração utiliza tecnologia há muitos anos. Entre as ferramentas principais incluem-se os exames andrológicos

aos machos, as ecografias às fêmeas, os protocolos de sincronização reprodutiva e a inseminação artificial, que é usada com bastante regularidade. Já foram também realizadas transferências de embriões.

Que impacto é que estas tecnologias tiveram no negócio e na produtividade?

O impacto é sobretudo prático e económico. Estas ferramentas permitem obter um maior número de animais gestantes num curto espaço de tempo. Quando se inseminam cerca de 100 animais, geralmente cerca de 50 ficam gestantes no próprio dia, o que é um excelente resultado — alinhado com a média mundial de 50% a 60%.

No ano passado, por exemplo, num lote de novilhas Aberdeen Angus, foi alcançada uma taxa de gestação de 74%. Há anos em que os resultados descem para valores próximos dos 40%, mas a média global mantém-se alinhada com as referências internacionais.

A raça Angus tende a apresentar taxas superiores a nível mundial, enquanto a Charolesa, por ser mais tardia e menos precoce, costuma ter médias mais baixas.

SAÚDE E BEM-ESTAR ANIMAL

Implementou recentemente alguma medida com impacto no bem-estar animal?

Sim. Recebemos a equipa responsável pelo bem-estar animal, que passou aqui um dia inteiro a avaliar vários indicadores diretamente nos animais.

Da nossa parte, garantimos sempre que todos os cercados têm água autónoma e pontos de abeberamento em pleno funcionamento, zonas de sombra e alimentação sempre disponível. Estes aspetos são essenciais para assegurar o bem-estar dos animais.

Nas primeiras avaliações, houve recomendações importantes ou já estava tudo conforme?

As principais recomendações foram sobretudo relacionadas com a qualidade da água.

Não basta ter água disponível — ela tem de ser limpa e translúcida, e os bebedouros têm de estar sempre lavados.

O mesmo se aplica à alimentação: os comedouros devem estar limpos e não pode haver restos estragados ou com bolor. Foi também dada muita atenção ao comportamento dos animais, especialmente à ocorrência de brigas. Nesta fase, por exemplo, os animais entre

os 13 e os 15 meses — sobretudo os Angus — tendem a ser mais competitivos. Mas aqui consegue-se ver que estão tranquilos, alimentam-se todos ao mesmo tempo e sem sinais de stress.

Os Angus são uma raça mais agressiva?

São, sim. Trata-se de uma raça mais brigona, territorial e muito protetora do seu grupo.

Se houver dois rebanhos próximos, o touro Angus não permite que as vacas do seu grupo se aproximem do outro. É impressionante — e até tem alguma graça de ver.

MERCADO E RENTABILIDADE

Como comercializa os seus animais?

Antigamente vendíamos os animais com 13 ou 14 meses. Os interessados podiam vir, escolher e reservar. Quando completavam 15 meses, fazíamos os exames andrológicos e, a partir desse momento, começavam a sair.

Faz publicidade para vender os animais?

Sim. Além do contacto direto, divulgamos nos boletins das duas associações de raça, temos um *outdoor* e participamos em feiras e concursos.

Na verdade, é nas feiras que se fazem as vendas. Se não estivermos presentes, somos rapidamente esquecidos — aparece logo outro criador e ficamos para trás.

Vende para o estrangeiro?

Apenas, ocasionalmente, para Espanha. De resto, o mercado é totalmente nacional.

Os seus animais são vendidos principalmente para criadores de genética ou para cruzamentos industriais?

Cerca de 90% são vendidos para cruzamento industrial.

Isto acontece comigo e praticamente com todos os criadores. O efetivo de genética em Portugal é reduzido — cerca de 1.200 vacas Charolesas puras e 5.500 Angus — o que não permite um mercado interno forte de troca de genética. Ainda assim, tenho animais comprados a vários colegas nacionais.

Que indicadores utiliza para avaliar se o seu negócio de genética está a correr bem?

Ao contrário da carne, que se mede em quilos vendidos, na genética o principal

indicador é a procura.

Se no final da época vendi todos os animais aptos para genética e não ficou nenhum encalhado, então o ano foi positivo.

No meu caso, a procura tem sido elevada: tudo o que está apto para genética é vendido. Só algum animal de refugo, por motivos específicos, segue outro destino.

PLANOS PARA O FUTURO

Em termos de capacidade do espaço, a sua perspetiva a longo prazo é aumentar o efetivo, reduzir ou manter como está?

Quero aumentar um pouco mais. O objetivo é chegar às 50 vacas adultas de cada raça em linha pura.

Mas agora sou muito exigente na seleção: vou crescendo devagar e só mantenho as vacas realmente homogéneas dentro de cada grupo.

Esse número está relacionado com a sustentabilidade da pastagem?

Sim. Tem a ver com a área disponível e com a sustentabilidade a longo prazo. O ano passado foi excecional — havia comida em abundância —, mas há três anos tivemos uma verdadeira catástrofe, sem alimento suficiente. Por isso, temos de definir o efetivo com base nos anos maus, e não nos anos bons.

Produce forragem suficiente para o efetivo?

Sim, atualmente produzimos. Mas há três anos, quando tivemos aquele ano desastroso, não. Tivemos de comprar alimentação fora e até recorremos às prorrogações do biológico para o fazer.

Daqui a cinco anos, o que poderá haver de novo aqui? Quais são os seus objetivos de inovação?

Em relação aos animais, espero que, quando voltar, não note grandes diferenças entre eles — e isso é bom. Hoje, quer olhe para um animal ao longe, quer para um que esteja aqui ao lado, são praticamente idênticos.

Eu reconheço-os, claro, mas às vezes tenho de confirmar o número. Houve clientes que vieram escolher reprodutores e tiveram dificuldade em decidir dada a semelhança. É exatamente isso que pretendo.

Não quero produzir animais “para todos os gostos”. Quero que quem vem aqui procure um tipo específico de animal: frame médio, não demasiado grandes, rústicos, mas equilibrados. ¶